

## O riso afirmador do eterno retorno

*The celebrator laughter of the eternal recurrence*

Rafael Rocha da Rosa\*

**Resumo:** Neste artigo propomos a questão do riso em Nietzsche como expressão do eterno retorno, a celebração máxima da vida, como crítica ao pensamento conceitual e ao cristianismo. Para isso, utilizaremos as obras em que o tema do riso aparece com mais consistência: *A Gaia ciência* e *Assim falou Zaratustra*. Em ambos, a criação e a afirmação da existência aparecem como uma postura necessária ao homem para viver em um mundo onde Deus está morto. Considerando a contradoutrina de Zaratustra, o riso seria expressão dessa nova ética.

**Palavras-chave:** riso, eterno retorno, vida, criação

**Abstract:** In this paper we propose the issue of laughter as an expression of Nietzsche's eternal recurrence, the ultimate celebration of life as critical and conceptual thinking to Christianity. For this, we use the books in which the theme of laughter appears more consistency: *Gay science* and *Thus Spoke Zarathustra*. We believe that these two texts are to be read in a complementary way, so that a book possible to understand each other. In both, the creation and affirmation of existence appears as a posture necessary to man to live in a world where God is dead. Considering the contra doctrine of Zarathustra, laughter would be an expression of this new ethic.

**Key-words:** laughter, eternal recurrence, life, creation

## Introdução

Tomamos a questão do riso em Nietzsche como determinante para a compreensão de seu pensamento. Considerando suas críticas aos valores tidos como superiores oriundos da razão, da metafísica, do cristianismo, da moral, seria interessante compreender sua filosofia como uma ética, um modo de vida em um tempo em que tais valores perderiam sua primazia. Para o autor, a partir do momento em que a existência é negada e condenada por aquelas visões de mundo, uma nova conduta é necessária, em oposição à frieza cientificista, à miséria e dor cristã: a celebração máxima da existência

---

\* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista pela Faperj. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: [rafael\\_rocha1@yahoo.com.br](mailto:rafael_rocha1@yahoo.com.br)

intramundana adquirida através de um saber alegre, a *gaia scienza*, e uma postura criadora e afirmadora da vida.

Nietzsche aborda o tema do riso no *Prólogo* da segunda edição de *A Gaia Ciência* e mais incisivamente em *Assim falou Zaratustra*. Entretanto, o autor não se dispôs a conceituar ou apresentar uma profunda explicação do mesmo. Em nossa hipótese, o riso possui, pelo menos, três significações: a desconstrução do arcabouço conceitual, a oposição à concepção cristã negadora da vida e a expressão da afirmação máxima da existência. Ao longo deste artigo iremos explicitar cada uma dessas acepções utilizando as obras supracitadas.

Segundo Machado, o livro *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche deve ser aproximado ao romance de formação. Tal gênero literário foi inaugurado por Goethe em *Os anos de aprendizagem de Wilhem Meister*, em que o leitor segue a personagem central por diversas experiências que irão moldar e reformular seu caráter. Essa é uma possível forma de lermos *Assim falou Zaratustra*, pois acompanhamos a série de vivências por que a personagem passará em sua trajetória até se tornar o que é, mestre do eterno retorno. Nesse percurso, acreditamos ser fundamental a leitura da obra que o precede: *A Gaia ciência*.

Os quatro primeiros capítulos do escrito mencionado foram elaborados antes de *Zaratustra*, já o quinto foi escrito nessa mesma época, podendo indicar que algumas concepções estão presentes nas duas obras. Se levarmos em conta o que foi dito logo acima a respeito da crítica nietzschiana à razão e à verdade, o próprio título *A Gaia ciência* já revela muito. O autor se opõe à vontade de verdade que orientou a vida dos homens até então e indica a necessidade de outro conhecimento, postula a importância de um leve saber alegre, uma *gaia ciência*, que se oponha à tristeza e ao sofrimento frente às dores e aos horrores da existência, um riso afirmador dessa vida. Se tomarmos o riso como desestruturação do arcabouço conceitual, o filósofo já esboça sua crítica ao pensamento racional e apresenta-o como uma possível chave de leitura para *A Gaia ciência*, cuja epígrafe diz: “sempre ri de todo mestre que nunca riu de si também”.

Um dos principais aspectos de *Zaratustra* refere-se à escolha estilística do autor em expressar-se de modo majoritariamente poético, praticando a liberdade que a linguagem artística fornece em detrimento da austeridade e rigidez da forma conceitual. Tal projeto demonstra sua oposição aos valores tradicionais de verdade e ciência que fora exposta em sua obra de estreia, *O nascimento da tragédia*. Se em seu primeiro

livro, o autor realizou essa crítica pela via conceitual, em *Zarathustra* ele o fez pela via poética, em que ele explicitou seu pensamento abissal: o eterno retorno. Já em *A Gaia ciência*, o próprio título indica outro tipo de saber e uma nova relação com o conhecimento.

### O riso e o leve saber alegre

Para Nietzsche, no contexto de *A Gaia ciência*, o riso representaria a alegria pelo porvir oriundo da morte de Deus, o desmoronamento do horizonte metafísico e moral, cuja consequência maior foi o surgimento de um mundo prenhe de possibilidades. De acordo com o filósofo “todo este livro não é senão divertimento [...] da renascida fé num amanhã e no depois de amanhã, do repentino sentimento e pressentimento de um futuro [...] de mares novamente abertos, de metas novamente admitidas”<sup>1</sup>. Nessa obra o autor já se mostra afastado da metafísica schopenhaueriana e do romantismo wagneriano; contudo, o elogio aos gregos permanece, pois “eles entendiam da arte de viver”<sup>2</sup>. As análises nietzschianas sobre a verdade, a ciência, o conhecimento, a religião são baseadas no efeito nocivo que elas exercem sobre a vida. Nessa tarefa, o cristianismo, forma narcotizante de viver e pensar<sup>3</sup>, é um dos principais alvos de sua crítica.

Ao longo de seu pensamento, o filósofo alemão fez diversas alusões a passagens bíblicas e reproduziu algumas de suas concepções no título de alguns livros, como *Ecce Homo* e *O Anticristo*. A obra *Assim falou Zarathustra* seria um escárnio à doutrina cristã, como o autor anunciaria no escrito que a precede, *A Gaia ciência*, onde indica que uma paródia, provavelmente ao cristianismo, terá início em sua obra seguinte<sup>4</sup>.

Nesse sentido, acreditamos que Nietzsche opõe o riso às lágrimas do sofrimento cristão que submete o homem a princípios incondicionais, cuja servidão é “inimiga mortal daqueles que querem tirar ao dever seu caráter incondicional”<sup>5</sup>: ou seja, os homens afirmadores e não condenadores da vida. Na concepção cristã, a verdade

<sup>1</sup> NIETZSCHE, *Gaia ciência*, Prólogo.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> *Gaia ciência*, § 147.

<sup>4</sup> Cf. *Gaia ciência*, Prólogo: “este ressuscitado precisa dar vazão a sua malícia: quem sabe que vítima ele não está procurando, que monstruoso tema de paródia o estimulará em breve? ‘Incipit tragoedia’ [A tragédia começa] – diz o fim deste livro perigosamente inofensivo: tenham cautela! Alguma coisa sobremaneira ruim e maldosa se anuncia: *incipit parodia*, não há dúvida...”.

<sup>5</sup> *Gaia ciência*, §5.

absoluta submete o homem, rejeita a existência terrena, o corpo e os afetos, projetando a realização e a felicidade plena em *outro* mundo. A doutrina de Cristo, ao postular uma visão maniqueísta, impõe ao fiel a negação de sua existência, marcado pela miséria, tristeza e dor redentoras, em prol de *outra* vida, posto que haveria, pelo simples fato de nascer, uma dívida suprema do homem a ser saudada com Cristo.

Nessa crença, o indivíduo deve negar sua potência criadora e aceitar somente a perspectiva cristã, ignorando a pluralidade inerente à existência e ao mundo, tornando-se um ser fisiologicamente carcomido, obrigado a dedicar-se completamente à glória da divindade para saldar sua dívida com Deus. Segundo Nietzsche, essa forma de interpretação da realidade seria decadente por expressar um modo de viver pautado exclusivamente na verdade como um valor absoluto, denominada *vontade de verdade*: uma exigência de certeza que ordenaria e justificaria o mundo, regando a vida. Tal característica seria a base da ciência e da metafísica, sendo um elemento em comum entre ambas. A busca incessante por conhecimento seria nociva ao sujeito, pois a concepção mecânico-científica condenaria o mundo da vida, da história, da natureza e também estaria baseada na necessidade imperativa de uma certeza irrevogável. Logo, a crítica endereçada à verdade, que traz em si a crítica à metafísica e à ciência, se justificaria devido aos efeitos deletérios dessa concepção de verdade sobre a existência.

Os dois casos repousariam em uma convicção moral que orientaria a vida dos homens, que, na hipótese nietzschiana, teria se originado na Antiguidade, com o platonismo: “a nossa fé na ciência repousa ainda numa crença metafísica [...] aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina”<sup>6</sup>. O filósofo critica justamente a superestimação dessa valoração, pois “vontade de verdade – poderia ser uma oculta vontade de morte”, ou seja, nela também há o declínio e a degeneração da vida, já que se nega este mundo em prol de ‘outro’, lógico, racional, calculável<sup>7</sup>. Este posicionamento ignoraria a pluralidade dos valores, construções humanas em determinados contextos históricos concebidas com alguma finalidade: “o que quer que tenha valor no mundo de hoje não o tem em si [...] foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos nós esses doadores e ofertadores! [...] mas justamente este saber nos falta [...] desconhecemos nossa melhor capacidade”<sup>8</sup>. Desse modo,

---

<sup>6</sup> *Gaia ciência*, §344.

<sup>7</sup> Cf. *Gaia ciência*, §344: “A fé na ciência pressupõe, afirma um outro mundo que não o da vida, da natureza, da história; e, na medida em que afirma esse ‘outro mundo’ – não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, nosso mundo?”.

<sup>8</sup> *Gaia ciência*, §301.

caberia ao indivíduo superar a “doença” da Modernidade e reconquistar sua aptidão criadora de atribuir sentidos e valores à realidade circundante.

Logo, o riso seria efeito de outra forma de conhecimento, a *gaya scienza*, o leve saber alegre, que possibilita a confecção de novas perspectivas e significados sobre a vida, motivo e fonte de novo júbilo. Nas palavras do filósofo: “conhecemos uma nova felicidade”<sup>9</sup>. Mais do que isso, o riso expressaria a exaltação com a vida: em um mundo sem Deus, o indivíduo estaria livre das amarras lógicas e cientificistas que encerraram e controlaram o mundo. Agora, restaria apenas rir de sua nova condição infinita, celebrando-a. Conforme a contradoutrina de Zaratustra, ensinada aos homens superiores: “quanta coisa é ainda possível! Aprendei a rir de vós mesmos, tal como se deve rir”<sup>10</sup>.

O novo saber estaria intrinsecamente atrelado à vida e à felicidade: a *gaya scienza* torna possível aos indivíduos ultrapassar os valores impostos pela verdade e os elevaria acima da moral. Em oposição ao culto à verdade, à moralidade e ao cientificismo, o sujeito deveria ser venturoso e zombeteiro, superando a fria seriedade científica, que tudo limita e explica definitivamente, caso em que a potência criadora do homem é negada.

A *gaya scienza* seria uma das formas encontradas por Nietzsche para que os indivíduos de sua época lidassem com a grande moléstia de seu tempo: o niilismo. Conforme o autor: “de tal severa enfermidade [...] voltamos renascidos, de pele mudada, mas suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria [...] com sentidos mais risonhos, com uma segunda, mais perigosa inocência na alegria”<sup>11</sup>. Seria essa a promessa de convalescença em um horizonte descortinado e infinito, sem divindade: este seria o motivo da grande satisfação do autor. Essa ciência alegre seria determinante para a destruição dos velhos valores e construção de novos: “em que acredita você – Nisto: que os pesos de todas as coisas precisam ser novamente determinados”<sup>12</sup>, isto é, as antigas formas de valoração devem ser superadas para que os homens tornem-se o que são, criadores: “queremos nos tornar aquilo que somos – os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos!”<sup>13</sup>. Por conseguinte,

---

<sup>9</sup> *Gaia ciência*, Prólogo.

<sup>10</sup> *Assim falou Zaratustra*, “Do homem superior”.

<sup>11</sup> *Gaia ciência*, Prólogo.

<sup>12</sup> *Gaia ciência*, §269.

<sup>13</sup> *Gaia ciência*, §335.

esse novo saber, aliado ao riso,<sup>14</sup> teria uma profunda ligação com o júbilo da criação, visto que conduziria à elaboração de novas metas e valores. Além disso, o riso expressaria a celebração máxima da existência: em uma terra sem Deus, onde a verdade e a moral foram destituídas de sua majestade, o indivíduo criador estaria liberto para viver em um novo horizonte, plural e infinito de possibilidades.

Para a superação da doutrina cristã e da crença cega no cientificismo, a contradoutrina de Zaratustra, é apresentada como o elogio à criação e ao riso, que seria efeito do leve saber alegre, “minha risonha e alerta sabedoria”<sup>15</sup>, fonte de nova felicidade, que conduz à confecção de novos significados e interpretações. Eis um dos ensinamentos de Zaratustra aos homens superiores:

Quanta coisa é ainda possível! Então *aprendei* a rir indo além de vós mesmos! Erguei vossos corações, ó bons dançarinos! Mais alto! E não esqueçais o bom riso tampouco! Esta coroa do homem que ri, esta coroa de rosas: a vós, irmãos, arremesso esta coroa!<sup>16</sup>

O riso estaria intrinsecamente atrelado a esse novo saber, cuja finalidade é a felicidade e a celebração da vida: a *gaya scienza*, que festejaria sobre a carcaça da velha divindade e libertaria os indivíduos das antigas valorações da tradição. Tal conhecimento, a sabedoria aliada à alegria, seria superior por afirmar que a existência é mais potente sem Deus, que qualquer visão unitária e monolítica de mundo é cerceadora da pluralidade inerente a ele mesmo. O sujeito deveria ultrapassar as apreciações morais e cristãs, assim como cientificismo. Em ambas o riso é ausente. Para reaprendemos a alegria, deveríamos considerar a contradoutrina de Zaratustra.

## O riso de Zaratustra

Em diversos momentos de *Assim falou Zaratustra*, o autor relaciona o riso à atividade criadora, à afirmação da vida, em oposição às interpretações pautadas em valores que condenaram a existência. Como nessa passagem, em que fala de Jesus e do cristianismo: “tivesse ele permanecido no deserto, longe dos bons e dos justos! Talvez

---

<sup>14</sup> Cf. *Gaia ciência*, §1.

<sup>15</sup> *Assim falou Zaratustra*, “Dos três males”, §1.

<sup>16</sup> *Assim falou Zaratustra*, “Do homem superior”, §20.

tivesse aprendido a viver e aprendido a amar a terra – e também o riso”<sup>17</sup>. Ou seja, ao falar sobre aprender a viver, Nietzsche estaria referindo-se a uma ética, um modo de conduzir-se, amando *essa* vida e não *outra*. E o riso expressaria a alegria celebradora *dessa* existência, em oposição à dor, ao sofrimento e à eterna dívida do homem para com a divindade, imputados pelo cristianismo. Além disso, a passagem supracitada indica o riso como afirmação do sentido da terra, intramundano e não trasmundano.

Ao optar pela apresentação de suas concepções filosóficas pela via poética na obra supracitada, o autor expressa a relevância da arte e da criação para seu pensamento. Suas críticas aos valores tidos como superiores, pautados na verdade, na metafísica, no cristianismo e na moral culminam na criação de novas valorações, daí seu elogio à arte e seu aspecto criador e potencializador da vida, como ressaltou Deleuze: “um passo para a vida, um passo para o pensamento. Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver. A vida ativa o pensamento e o pensamento, por seu lado, afirma a vida”<sup>18</sup>. Por essa razão acreditamos que, ao utilizar o recurso estilístico poético, imagético e conceitual, Nietzsche estaria exprimindo sua concepção de filosofia, o modo como fazê-la, assim como sua visão de mundo e de que forma o homem deveria se posicionar diante da vida.

Em *Do ler e do escrever*, Nietzsche expõe outra possível acepção do riso: “quem entre vós, pode ao mesmo tempo rir e sentir-se elevado? Quem sobe os montes mais altos ri das tragédias do palco e da vida”<sup>19</sup>. A distância que o autor marca entre ambas possibilita a interpretação da felicidade como posterior à tragédia. Elevado nas alturas dos grandes montes é possível rir, amando a existência. Em nossa hipótese, essa posição do protagonista aponta para a resposta encontrada pelo autor à pergunta lançada em *A gaia ciência*: “eu próprio matei agora todos os deuses no quarto ato [...] que será agora do quinto ato? De onde tirarei a solução trágica? – Devo começar a imaginar uma solução cômica?”<sup>20</sup>. Julgamos que sim, pois a partir do momento em que Zaratustra torna-se o que ele é, mestre do eterno retorno, a felicidade alcançada é sua nova força e o riso é parte de seu ensinamento aos homens superiores: “declarei santo o riso; ó homens superiores, *aprendei* a – rir!”<sup>21</sup>. E é justamente com o riso que Zaratustra vence seu maior inimigo, o niilismo: “quando vi meu diabo, achei-o sério, meticoloso,

<sup>17</sup> *Assim falou Zaratustra*, “Da morte voluntária”.

<sup>18</sup> DELEUZE, *Nietzsche*, p.18.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, “Do ler e do escrever”.

<sup>20</sup> *Gaia ciência*, §153.

<sup>21</sup> *Assim falou Zaratustra*, “Do homem superior”, §20.

profundo e solene: era o espírito de gravidade – ele faz todas as coisas caírem. Não com ira, mas com o riso é que se mata. Eia, vamos matar o espírito de gravidade”. Logo, o riso é fundamental para a jornada de Zaratustra, é com ele que o protagonista supera seu algoz. Somente rindo celebraríamos infinitamente a existência e destruiríamos essa “doença” da Modernidade, a vontade de nada. Acreditamos que a contradoutrina de Zaratustra subjuga o grande cansaço e fastio de si com a pujança de uma ventura extrema. Desse modo, o trágico atinge o limite de sua importância a partir do momento em que o júbilo com a vida é alcançado.

Em *Da visão e enigma*, Zaratustra narra como enfrentou a vontade de nada, o niilismo que se abateu sobre ele em seguida ao ocaso de Deus.<sup>22</sup> Nesse trecho ele relata seu encontro com o espírito de gravidade, seu algoz, após o declínio da interpretação moral da existência que a velha divindade representava:

Para o alto: – embora ele estivesse em minhas costas, chumbo anão, meio toupeira; aleijado; aleijador; pingando chumbo em meu ouvido, pensamentos-gotas de chumbo em meu cérebro. ‘Ó Zaratustra’, cochichou zombeteiramente, sílaba por sílaba, ‘ó pedra de sabedoria! Tu te arremessaste para cima, mas toda pedra arremessada tem de – cair! Ó Zaratustra, pedra de sabedoria, pedra de funda, destruidor de estrelas! Arremessaste a ti mesmo tão alto – mas toda pedra arremessada – tem de cair<sup>23</sup>.

Aqui o autor ilustra o peso e a angústia que assolam o homem com as infinitas possibilidades do mundo e toda pluralidade da vida após a ruína do horizonte regrado e valorado pelo velho Deus. Contra toda fraqueza e niilismo que o espírito de gravidade representa, Nietzsche o combate com a exaltação máxima da existência: o eterno retorno, tomado neste momento de seu percurso como seu pensamento abissal, pois Zaratustra ainda não foi capaz de compreendê-lo plenamente. Apenas os afirmadores da vida a desejariam infinitas vezes. Aos tipos “decadentes”, esse seria o maior dos pesos<sup>24</sup>.

Ainda nessa passagem, seguindo sua narrativa, Zaratustra tem a visão de um jovem pastor, que é ele mesmo, engasgando com uma serpente que havia rastejado para dentro de sua garganta. O homem morde e arranca a cabeça do animal, sobrevivendo.

---

<sup>22</sup> Cf. *Assim falou Zaratustra*, “Da visão e enigma”: “Recentemente caminhava eu, sombrio, por um crepúsculo pálido como um cadáver – sombrio e rijo, com lábios cerrados. Não apenas *um* sol havia declinado para mim”.

<sup>23</sup> *Assim falou Zaratustra*, “Da visão e enigma”, §1.

<sup>24</sup> Título do §341 de *Gaia ciência* em que o autor apresenta o eterno retorno.



Em seguida ele ri o riso afirmador da vida, nunca ouvido por Zaratustra até então, e que irá afetá-lo profundamente, como ele diz:

Para longe cuspiu a cabeça da serpente –: e levantou-se de um salto. – Não mais um pastor, não mais um homem – um transformado, um iluminado que *ria!* Jamais, na terra, um homem riu como ele ria! Ó meus irmãos, escutei um riso que não era riso de homem – e agora me devora uma sede, um anseio que jamais sossega. Meu anseio por esse riso me devora: oh, como suporto ainda viver? E como suportaria agora morrer? –<sup>25</sup>.

Essa visão indica o lugar que o riso ocupa no pensamento nietzschiano. A referida passagem é mostrada pelo autor logo após o pensamento mais abissal, que ainda não foi dominado por Zaratustra, que diz: “meu anseio por esse riso me devora”, apontando, assim, o riso como condição para o eterno retorno. Sem o riso seria impossível lidar com o maior dos pesos e impossibilitaria a afirmação máxima da vida. Nesse trecho Zaratustra vislumbra o modo de superação do último homem e do niilismo, visto que depois dessa visão ele se indaga como continuaria vivendo, ou mesmo como toleraria a morte diante desse novo horizonte infinito que se abre e da nova felicidade. Seus ânimos se renovam para continuar sua jornada.

No contexto geral da obra, a terceira parte começa e termina com a ideia do eterno retorno, em *Da visão e enigma* e *Os sete selos*, respectivamente. Para melhor compreendermos esta última passagem, precisamos retomar o episódio que o precede: *Outro canto da dança*. Ao longo de sua jornada, Zaratustra entoou canções, ditirambos dionisíacos, que revelavam seu interesse pela verdade oculta da existência. Nesse, ele canta novamente para a vida, almejando desvelar seus mistérios. Se em *O canto da dança* ele não foi capaz de fazê-lo, nesse, o fim será outro, ele finalmente descortinará o segredo da vida.

Aqui Zaratustra responde ao chamado da vida por meio da dança: através de dois movimentos a vida o enredou em um fluxo dançante frenético. Ela lhe diz estar além do bem e do mal, ele a caracteriza como flexível, ágil, indicando o teor inocente e cambiante da vida, devir de forças inconstantes. Nessa passagem ele descobre que a vida não tem que ser corrigida, como fora afirmado na interpretação moral da existência e pela consideração teórica de mundo, e que devemos aceitá-la tal como ela é. E assim Zaratustra alcança o pensamento abissal.

---

<sup>25</sup> Assim falou Zaratustra, “Da visão e enigma”, §2.

O episódio seguinte, *Os sete selos*, marca a plena união de Zaratustra com a vida sob o signo do eterno retorno, ou seja, a afirmação máxima da existência. Logo, quando descobre os segredos da vida e seu amor incondicional a ela, Zaratustra consegue afirmá-la e destruir os valores trasmundanos. É curioso que na mitologia bíblica a abertura dos sete selos culmina na destruição da terra. Para Nietzsche, isso teria uma representação semelhante, em que a Terra, criada por Deus, seria solapada? Sim. Os sete selos nietzschianos indicam o declínio de uma existência pautada na moral e na verdade como valores supremos e a abertura à pluralidade de configurações para nossos horizontes.

Para exaltarmos a vida, devemos criar e o riso é fruto da criação: “eu ri a risada do raio criador”<sup>26</sup>. Nesse novo mundo, devemos erigir novos valores e sentidos, afinal, o horizonte é infinito: “desapareceu a costa – agora caiu meu último grilhão – o ilimitado estrondeia ao meu redor”<sup>27</sup>. O filósofo convida então o homem ao canto e não mais à palavra falada: “canta! Não fales mais [...] Todas as palavras não foram feitas para os seres pesados?”, criticando assim a vontade de verdade e a universalidade da linguagem conceitual, hostis à vida e expressando seu elogio à arte e seu teor de libertação. Ele afirma o impulso criador como atitude afirmadora a ser tomada em um mundo sem Deus. Se em *O nascimento da tragédia* Nietzsche encontrou na tragédia a proteção contra a sabedoria de Sileno, em *Zaratustra*, a alegria do eterno retorno, exaltação suprema da existência, é a cura para o niilismo. Assim, com a nova configuração do mundo, caótico e sem sentido, duas atitudes existenciais são possíveis: a tristeza e o asco niilista da vida ou a alegria e o riso afirmador do eterno retorno.

### Considerações finais

A contradoutrina de Zaratustra professa que, após o grande acontecimento da morte de Deus, o leve saber alegre surge como alento. Esse novo conhecimento expressa o sentido intramundano da existência, os valores como criações do indivíduo encarando a vida sem descontos e concebendo todas as dores e sofrimentos como partes constituintes da mesma, amando-a incondicionalmente.

---

<sup>26</sup> Assim falou Zaratustra, “Os sete selos”, §3.

<sup>27</sup> Ibidem, §5.

Ao final do livro IV de *A Gaia ciência*, os dois últimos aforismos contribuem profundamente para nossa hipótese: no penúltimo, intitulado *O maior dos pesos*, Nietzsche apresenta o eterno retorno, o teste para avaliarmos se seríamos capazes de viver nossas vidas infinitamente. Ao apresentar essa concepção, o autor não indica como poderíamos alcançá-la, contudo, o aforismo seguinte revela seu futuro mestre: Zaratustra. Não obstante, ele ainda não o é, e por isso, o início de sua jornada é anunciado como uma tragédia, título do último aforismo do livro IV: *a tragédia começa*. Porém, se a trajetória de Zaratustra principia como tragédia, sua conclusão o tornará não um herói trágico, e sim um herói cômico, um mestre que ri de si e do absurdo da existência, portador do leve saber alegre, que permitirá a construção da vida como obra de arte.

Nietzsche vê no futuro alguma possibilidade para o riso: enquanto libertação, consequência da *gaya* sabedoria, e consolação intramundana. No entanto, o riso ainda estaria por vir, como afirma o autor logo no primeiro aforismo de *A Gaia ciência*: “por enquanto, este é ainda o tempo da tragédia, o tempo da das morais e religiões”<sup>28</sup>. Na *Tentativa de autocrítica*, opúsculo escrito em 1886, o filósofo alemão cita suas próprias palavras, do §18 de *O nascimento da tragédia* e em seguida indica a nova configuração de suas ideias:

Imaginemos uma geração vindoura com esse destemor de olhar, com esse heroico pendor para o descomunal, imaginemos o passo arrojado desses matadores de dragões, a orgulhosa temeridade com que dão as costas a todas as doutrinas da fraqueza pregadas pelo otimismo, a fim de ‘viver resolutamente’ na completude e na plenitude: *não seria necessário* que o homem trágico dessa cultura, em sua autoeducação para o sério e para o horror, devesse desejar uma nova arte, *a arte do consolo metafísico*, a tragédia [...] ‘Não seria necessário?’ ... Não, três vezes não, ó jovens românticos! *Não* seria necessário! Mas é muito provável que isso finde assim, que vós assim findeis, quer dizer, [...] ‘metafisicamente consolados’, em suma, como findam os românticos cristãmente... Não! Vós deveríeis aprender a rir<sup>29</sup>.

E logo após essa passagem, Nietzsche cita *Assim falou Zaratustra*, no trecho em que o protagonista ensina aos homens superiores o riso declarado santo por ele mesmo.<sup>30</sup> Entre todos os livros publicados até então, o autor elege essa obra específica e

<sup>28</sup> *Gaia ciência*, §1.

<sup>29</sup> *O nascimento da tragédia*, “Tentativa de autocrítica”, §7.

<sup>30</sup> Cf. *Assim falou Zaratustra*, “Do homem superior”, §20: “Quanta coisa é ainda possível! Então aprendei a rir indo além de vós mesmos! Erguei vossos corações, ó bons dançarinos! Mais alto! E não

menciona o referido extrato. Acreditamos que tal escolha indica parte do conteúdo da contradoutrina de Zaratustra: a alegria e o riso como consolação do lado de cá, como celebração máxima da existência, como uma forma de nos posicionarmos diante da vida, a caminho da superação da cultura degenerada dos últimos homens e ultrapassando o niilismo proveniente da morte de Deus.

### Referências bibliográficas

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Gaia ciência*. Tradução de Paulo C. Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo C. Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

DELEUZE, G. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1965.

MACHADO, R. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Recebido em: 03/03/2014 – Received in: 03/03/2014

Aprovado em: 09/07/2014 – Approved in: 07/09/2014

---

esqueçais o bom riso tampouco! Esta coroa do homem que ri, esta coroa de rosas: a vós, irmãos, arremesso esta coroa! Declarei santo o riso; ó homens superiores, *aprendei a – rir!*”.